



História do cotidiano de Brasília: “experiência” e resistência dos candangos na construção da nova capital (1959-1961)

Ramon Lamoso de
Gusmão¹

History of
Brasília's diurnal:
“experience” and
resistence of the
candangos in the
construction of
the new capital
(1959-1961)

¹ Mestre em História pela Universidade Nova de Lisboa.
Jornalista da Empresa Brasil de Comunicação. E-mail:
rgusmao07@hotmail.com

Resumo:

Este artigo é uma tentativa de trazer à luz parte da história de Brasília que não é ufanista, que não aborda a capital apenas sob a ótica do nacional-desenvolvimentismo, da arquitetura modernista, a síntese do Brasil que deixava de ser um país agrário-exportador para se transformar em uma nação urbana e industrializada, nas décadas de 1950/1960. Trata-se de uma análise sobre o cotidiano de pessoas comuns, dos candangos, como ficaram conhecidos os operários que construíram a nova capital. Eles viveram experiências além do trabalho, que precisam ser contadas. É uma versão praticamente desconhecida, apagada, omitida da história de Brasília, cujos protagonistas são milhares de nordestinos, goianos e mineiros. Eles chegaram ao Planalto Central com esperanças que ao longo do tempo se tornariam ilusões. A “experiência” desses trabalhadores ficou registrada nas duas fontes usadas neste trabalho: boletins de ocorrência da polícia e o diário escrito por um candango.²

Palavras-chave: História de Brasília, História da Vida Cotidiana, Candangos.

Abstract:

This article is an attempt to bring to light part of the history of Brasilia that is not a vainglorious, which does not approach the capital only under the point of view of the national-developmentalism, of modernist architecture, an assumption of Brazil that ceased to be an agrarian-exporting country to become an urban and industrialized nation, in the 1950s and 1960s. This is an analysis of the daily life of ordinary people, the candangos as they became known, the workers who built the new capital. They have lived experiences beyond work, which need to be told. This is a virtually unknown, obliterated, omitted version of the history of Brasília, whose protagonists are thousands of northeastern, goianos and mineiros. They arrived at the Central Plateau with hopes that over time become illusions. The experience of these workers was recorded in two sources used in this study: case reports of the police force and a diary written by a candango.

Keywords: History of Brasília, History of Daily Life, Candangos.

² Este artigo é uma versão do trabalho de conclusão *História do Cotidiano de Brasília: A Vida na Nova Capital pelos Boletins de Ocorrência e um Diário*, apresentado ao Curso de Especialização em História Contemporânea, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em 2011.

Introdução

Prestes a completar 60 anos de inaugurada, Brasília continua a despertar paixões, assim como ocorreu ao longo dos séculos em que foi apenas uma ideia. Para além das predileções pró e contra, a capital do país é também objeto de estudo em ciência política, arquitetura, história. No caso da historiografia, há lacunas a serem preenchidas, especialmente sobre aqueles responsáveis por erguer a cidade.

Não estamos falando do então presidente Juscelino Kubitschek, do arquiteto Oscar Niemeyer, nem do urbanista Lúcio Costa, a quem se pode associar a grandiosidade da arquitetura, o urbanismo inovador e o simbolismo de um país que se pretendia moderno. Estamos falando dos trabalhadores que construíram a nova capital.

Os candangos³, como ficaram conhecidos, deixaram rastros e vestígios que, a princípio, poderiam ser considerados apenas documentos sem importância. Mas quando lidos e interpretados com cuidado, boletins de ocorrência registrados pela polícia e um raro diário escrito por um trabalhador, são fontes históricas valiosas para conhecer aspectos do cotidiano durante a construção e nos primeiros anos da cidade.

A partir dos registros policiais feitos entre 1959 e 1961 – hoje sob a guarda do Arquivo Público do Distrito Federal (ARPDF) –, e do *Diário de um Candango* (1963), escrito pelo migrante goiano José Marques da Silva, pode-se contar uma versão inusual da história de Brasília. Versão com base na vida de operários e pessoas comuns.

Para Michel de Certeau (2011), o ordinário, o cotidiano, o comum, na verdade é extraordinário, e assim são os candangos personagens deste artigo. “É lastimável constatá-lo: quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. Como tudo isto é admirável!” (CERTEAU, 2011, p. 342)

³ A palavra candango era usada para se referir aos migrantes que trabalharam como operários na construção de Brasília. Para este artigo interessa o contexto histórico em que foi usada e o significado que recebeu a partir de então. Muitos historiadores diferenciam candangos e pioneiros. Estes últimos seriam funcionários públicos, engenheiros, médicos, jornalistas, os primeiros políticos a chegarem e fixarem residência na nova capital.

Peter Burke segue linha de raciocínio semelhante e afirma que “[...] a vida cotidiana ou a ‘cultura cotidiana’ é fundamental para essa abordagem, sobretudo as ‘regras’ ou convenções subjacentes à vida cotidiana.” (BURKE, 2006, p. 247)

Cotidiano que, no caso da capital em construção, não se restringia ao trabalho, ainda que esse tenha sido o elo principal entre os migrantes que construíram a cidade em pouco mais de três anos. Tão importante quanto as relações de trabalho com o Estado e as empreiteiras privadas, foram os sonhos, anseios, espaços de sociabilidade, condições de moradia, o lazer, o consumo do álcool, a repressão policial, as formas de identidade e resistência.

Sempre omitidas ou negadas na versão oficial, os registros policiais comprovam, por exemplo, que houve mortes causadas por acidentes de trabalho. Os documentos também não deixam dúvidas quanto à repressão ao consumo e ao comércio de bebidas alcoólicas entre os operários.

Mesmo com as lacunas da documentação, os boletins de ocorrência analisados apontam para a tentativa de controle social dos trabalhadores. Prisões por vadiagem, comércio ilegal e desordens causadas pelo consumo excessivo de álcool estão entre as acusações contra aqueles que não se adequavam à ordem e disciplina necessárias a uma das maiores empreitadas do século XX.

As ocorrências policiais e o *Diário de um Candango* (1963) também deixaram indícios sobre como e o que milhares de trabalhadores fizeram para resistir a esse controle e manter as identidades ou transformá-las, reconfigurá-las. A análise das fontes indica outros tipos de “experiência” tão importantes quanto as oito, dez, doze ou até vinte e quatro horas de trabalho nos canteiros de obras.

Essa “experiência” – a partir do conceito desenvolvido pelo historiador britânico E. P. Thompson no clássico *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1987) –, é uma das chaves para desvendar o cotidiano dos candangos e a relação com o momento político, econômico e social do Brasil de então. Segundo Thompson (1987, p. 17, volume II), “o fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril. [...] A classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada.”

É preciso esclarecer que o foco desta análise não está na formação de um subgrupo da classe trabalhadora brasileira, definido arbitrariamente por “candangos”, o que iria de encontro às teses defendidas pelo historiador britânico. O que se pretende é justamente o contrário. Para E. P. Thompson (1987, p. 10, volume I), a consciência de classe, ou identidade, é formada “quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”.

E vai além, ao afirmar que “essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 1987, p. 10, volume I). Em momento nenhum, contudo, ele esquece as relações econômicas, as condições materiais da existência humana.

Em uma linha de raciocínio semelhante⁴, os operários que construíram Brasília não devem ser reconhecidos apenas como fruto do desenvolvimento do capitalismo e do processo de urbanização do Brasil, a partir da década de 1950.

Eram migrantes nordestinos, mineiros e goianos, a absoluta maioria de homens (cerca de 42 mil), boa parte analfabeta e católica⁵, que acreditaram na propaganda do governo ou foram para o Planalto Central por conta própria, em busca de uma vida melhor. Milhares de nordestinos fugiam da seca que atingiu a região em 1958.

Mas na história oficial tentou-se esconder, foram omitidos ou deliberadamente apagados o cotidiano, as condições de trabalho e moradia, a repressão, a identidade, as formas de resistência ao controle imposto aos operários que construíram Brasília.

⁴ Na Introdução de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, E. P. Thompson (1987, p. 10, volume I) observa que é possível “ver uma lógica nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei.” Por isso, consideram-se candangos e operários ingleses pré-revolução industrial apenas e tão somente como grupos profissionais que viveram experiências semelhantes. Não há uma comparação direta, mas apenas o uso do conceito. E neste caso não estamos dando ênfase à formação de uma classe, mas essencialmente às experiências do cotidiano: condições de trabalho, moradia, repressão, controle social, solidariedade, espaços de sociabilidade, lazer, tradições, formas de resistência.

⁵ Esses dados estão no Censo Experimental do IBGE de 1959.

O apagamento da história

No livro de memórias *Por que construí Brasília* (1975), o ex-presidente da República Juscelino Kubitschek defende a tese de que a “cidade modernista” ofereceu ao Brasil e ao mundo novos conceitos de arquitetura e urbanismo, mostrou a capacidade de planejamento, trabalho e execução de um país latino, na época uma nação da periferia do capitalismo. “Assim estava sendo construída Brasília. Velocidade. Espírito de pioneirismo. Audácia de fazer acordar um país que vivera dormindo durante quatrocentos anos”. (KUBITSCHKEK, p. 70, 1975)

Os boletins de ocorrência e o diário, no entanto, estão repletos de exemplos sobre o cotidiano dos candangos que revelam contradições entre o desenvolvimento pretendido e alardeado pelo discurso oficial e a realidade.

A repressão ao consumo e ao comércio de álcool é um dos fatos que se tentou esconder. Mas esse controle não foi por acaso, existia uma lógica: todo o tempo e o esforço dos trabalhadores precisavam ser concentrados nas obras. Lazer, diversão, tempo livre e descanso não eram bem-vindos naquele contexto histórico.

No dia 9 de janeiro de 1959, foi preso o gerente de um bar que ficava onde hoje é a Avenida W3 Sul, na área central de Brasília, por “venda de bebidas alcoólicas depois das 18 horas”.

Foi preso em flagrante delito, às 20,00 hs [sic], no interior do Bar Royal, pelo investigador José Ribeiro Filho, o sr Eduardo Baumam, gerente do citado Bar, por estar o mesmo vendendo cachaça depois das 18 hs, inclusive para o policial acima que fingiu comprar uma doze [sic], sendo o mesmo servido. Testemunharam a entrega do mesmo perante a autoridade, as testemunhas: José Rodrigues de Almeida e Geraldo Pereira Gomes (Geraldo Alves de Sousa).⁶

Já o registro policial do dia 16 de dezembro de 1959 apresenta um caso típico de prisão e indiciamento por vadiagem, com todos os elementos usados para justificar a repressão. O maranhense Aciole Menezes de Brito foi preso na zona do baixo meretrício, às

⁶ Boletim de Ocorrência de 09.01.1959, Caixa Nº 776, NOV D.1001, ARPDF.

seis e meia da tarde, e conduzido para a delegacia, onde ficou por seis dias.

[...] o indivíduo Aciole Menezes de Brito, brasileiro, solteiro, com 23 anos de idade, natural de Grajaú, Maranhão. O referido indivíduo que há 18 dias aproximadamente acha-se em Brasília, não tem trabalho nem residência certa, o condutor acusa o indiciado de estar sempre presente no baixo meretrício e próprio indiciado se intitula de desertor da polícia de Goiás. Quando convidado a comparecer a esta Delegacia, por se encontrar pronunciando palavrões no interior de um coletivo, revoltou-se contra o policial procurando desmoraliza-lo [sic]. E aqui chegando não se portou convenientemente [sic], só foi encontrado em seu poder uma carteira profissional, na qual não consta que o portador tenha sido empregado em alguma firma, 1 cinto e uma carteira de dinheiro vazia.⁷

Repetia-se em Brasília a tentativa de controle social de trabalhadores observada ao longo da história – a exemplo da Inglaterra do final do século XVIII e primeira metade do século XIX (analisado por E. P. Thompson nos três volumes de *A Formação da Classe Operária Inglesa*), e no Rio de Janeiro do início do século XX.⁸ Aqueles que não se enquadraram no padrão foram presos e acusados pelo crime de vadiagem.

Para além disso, muitos também foram vítimas de acidentes de trabalho. Mesmo que ainda hoje esse seja outro tema proibitivo da história de Brasília, os boletins de ocorrência comprovam que houve acidentes fatais nos canteiros de obras da nova capital.

Um dos registros mais detalhados está no boletim de ocorrência de 13 de abril de 1960 (a uma semana da inauguração), às cinco e quinze da tarde, nas obras do IAPI, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, atual Asa Sul. A vítima foi José Leone de Brito.

A hora acima foi comunicada do IAPI que houvera um acidente e que resultara a morte do operário acima. Designei ao investigador Romildo que colheu o seguinte: que estavam cavando uma vala com 3 metros de profundidade sendo que a vítima e mais 2 outros; que 2 minutos antes os dois operários saíram [sic] para ir beber água [sic] e ali ficou José Leone – que logo que iniciou o desabamento foi advertido por Vicente Rodrigues, mas já

⁷ Boletim de Ocorrência de 08.01.1959, Caixa Nº 776, NOV D.1001, ARPDF.

⁸ A análise sobre o controle social na primeira década do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, escrita por Sidney Chalhoub, em *Trabalho, lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, é referência sobre esse tema na historiografia brasileira.

tardamente – pois a avalanche colheu a vítima José Leone. Foram testemunhas do fato os seguintes operários [sic] Claudimiro Reis do Nascimento, servente, com 28 anos, casado [ilegível] chapa 303 Aloj. 10 do IAPI que se encontrava dentro da vala, mas afastado do desabamento; Vicente Rodrigues Alves, servente com 36 anos – das obras do IAPI. Os mesmos acrescentaram que o desabamento foi verificado as [sic] 17 horas e as [sic] 18 foi retirado [sic] a vítima, já morta. O corpo foi removido para o Hospital do IAPI para Exame Cadavérico.⁹

Considerando-se que os registros de ocorrência policial são documentos oficiais, em nenhum momento as mortes de operários são citadas ou consideradas pela dita história oficial, como nos livros de memória do ex-presidente JK e do arquiteto Oscar Niemeyer.

Por isso, é indispensável esclarecer de que forma são estabelecidos os processos históricos de “apagamento”, esquecimento, revisionismo, negacionismo, omissões da memória e estabelecimento de versões sobre determinados fatos e momentos. O historiador italiano Carlo Ginzburg (2007, p.230) lembra que “a memória e a destruição da memória são elementos recorrentes na história.”

Peter Burke, em análise sobre a relação entre história e memória, levanta questionamentos decisivos.

É importante fazer a pergunta: quem quer que quem lembre o quê e por quê? De quem é a versão registrada ou preservada? [...] É sempre esclarecedor abordar problemas por trás, virá-los pelo avesso. Para entender os mecanismos da memória social, talvez valha a pena examinar a organização social do esquecer, as regras de exclusão, supressão ou repressão e a questão de quem quer que quem esqueça o quê e por quê. Em suma, a amnésia social. Amnésia se relaciona a “anistia”, com o que se chamava de “atos de esquecimento”, a obliteração oficial de memórias em conflito no interesse da coesão social. (BURKE, 2006, p. 84-86)

O filósofo francês Paul Ricoeur trabalha com a ideia de manipulação e imposição da memória, por meio da narrativa. As conclusões são semelhantes.

[...] a memória imposta está armada por uma história ela mesma “autorizada”, a história oficial, a história aprendida e celebrada publicamente. De fato, uma memória exercida é, no plano institucional,

⁹ Boletim de Ocorrência de 13.04.1960, ARPDF.

uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comuns tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum. O fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade. História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração. (RICOEUR, 2007, p. 98)

Não por acaso, a versão oficial escrita por JK (1975, p. 79), segundo a qual “Brasília nascia, de fato, sob o signo da comunhão social”, deixou de lado outro tema controverso, obscuro e praticamente desconhecido: os candangos que ajudaram a construir a cidade não puderam morar nela e foram empurrados para o que se convencionou chamar de “cidades-satélites”.

No boletim de ocorrência do dia 16 de dezembro de 1960, portanto com a cidade já inaugurada, um homem chamado João Guilherme de Aragão prestou queixa na Delegacia e pediu reforço no policiamento na Superquadra 105 Sul, onde morava. O motivo?

De ordem superior [grifo meu] foi determinado que se fizesse policiamento extra na S.Q. 105 Bloco 8 do IAPI. Este policiamento foi solicitado pelo sr. João Guilherme de Aragão, diretor do DASP, como prevenção contra possíveis eventualidades de funcionários da Novacap, que exigem com ameaças que lhes sejam distribuídos apartamentos [grifo meu]. O queixoso reside no bloco 8 S.Q. 105 Aptº 401, IAPI. Para atender esta solicitação foram deslocados para o local mencionado, os Cosme Damião [sic].¹⁰

Este boletim, mesmo sendo único e por isso mesmo uma preciosidade na série documental pesquisada, faz referência explícita à segregação do espaço, a quem pertencia o que, e quem poderia morar aonde.

O autor da queixa contra os candangos que exigiam apartamentos para morar no Plano Piloto, João Guilherme de Aragão, foi diretor do Departamento Administrativo do

¹⁰ Boletim de Ocorrência de 16.12.1960, Caixa Nº 776, NOV D. 1001, ARPDF. O DASP foi criado por Getúlio Vargas em 1938 na tentativa de estabelecer regras para o ingresso no serviço público, criar uma burocracia no Estado brasileiro. O IAPI era o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, e um conjunto de apartamentos e casas foi construído na Asa Sul para que os funcionários dessa autarquia viessem do Rio de Janeiro para morar em Brasília. E “Cosme e Damião” é uma dupla de policiais militares que fazem ronda a pé.

Serviço Público (DASP) entre fevereiro de 1956 e janeiro de 1961. Ele é citado nominalmente no livro de memórias do ex-presidente JK como o responsável pela transferência dos funcionários públicos - “os pioneiros” - do Rio de Janeiro para Brasília, pouco antes da inauguração.

Diário de um candango

Entre os 60 mil migrantes que se transferiram para Brasília durante a construção, mas tiveram que se contentar com os bairros operários, estava o goiano de Ipameri, José Marques da Silva.

José Marques chegou em 1958. Acompanhou de perto o surgimento da cidade, quando trabalhou como caixa do Brasília Alvorada, o primeiro hotel de Brasília, projetado por Oscar Niemeyer. Passada a aventura da chegada e o sonho da construção, o migrante goiano, então com vinte e dois anos, foi demitido em 1961, mas resolveu ficar.

Comprou o *Bar e Restaurante São José*, na Vila Planalto, com o dinheiro que recebeu da indenização por ter sido demitido. A população crescia, as “invasões”, bairros operários e “cidades-satélites” se consolidavam e a necessidade de serviços para atender a essas pessoas era cada vez maior¹¹. A Vila Planalto, de alojamento de trabalhadores transformou-se em moradia para aqueles que permaneceram depois da inauguração. Era considerada oficialmente área de “invasão”, conforme os registros de ocorrência policial.

Até aí seria uma trajetória comum a milhares de migrantes. Mas o anônimo José Marques da Silva decidiu escrever uma espécie de história do cotidiano de Brasília. Nos últimos três meses de 1961, anotou em um diário a repressão policial, costumes de migrantes nordestinos, relações de solidariedade, a instabilidade política gerada pela sucessão de Jânio Quadros para João Goulart, o aumento da inflação, e fez observações sobre a miséria, as desilusões e formas de resistência dos candangos.

¹¹ Depois da cidade inaugurada, a população total mais que dobrou. De acordo com o Censo do IBGE de 1960, eram mais de cento e quarenta mil habitantes, o que indica a fixação dos migrantes e o início da formação de famílias, de relações sociais mais estáveis e duradouras.

Relato biográfico único e publicado em 1963, o *Diário de um Candango* é muito provavelmente a fonte extraoficial mais rica sobre a história de Brasília vista de baixo.

No diário, o jovem goiano mistura os acontecimentos e desilusões da vida privada com anotações sobre o trabalho, os hábitos, a rotina, a religião, o modo de falar, as formas de agir, os gostos, dificuldades, os anseios dos moradores e frequentadores da Vila Planalto.

A condição de comerciante confunde-se com o que ele observa, presencia e depois escreve durante quase três meses. “Nessa solidão, penso, tudo planejo, tomo o propósito de escrever alguma coisa que no meu Bar ou na Vila suceder. É um diário, são as ocorrências, uma pobre crônica de um pobre dono dum botequim”. (SILVA, 1963, p. 15)

O comércio deu a José Marques da Silva a condição de observador atento e privilegiado do cotidiano da Vila Planalto nos primórdios de Brasília. Na avaliação do historiador Sidney Chalhoub, que pesquisou conflitos e relações sociais travadas em botequins cariocas no início do século XX:

[...] a referência à venda como “observatório popular” sugere que este é um ponto privilegiado, uma espécie de janela aberta, para o estudo de padrões de comportamento dos homens pobres em questão. Com efeito, a venda ou botequim é cenário para o surgimento e desenrolar de rixas e conflitos pelos mais variados motivos, desde os problemas ligados ao trabalho e habitação, passando pelas questões de amor e de relações entre vizinhos, até as contendas por motivos mais especificamente ligados ao lazer, como os jogos, o carnaval ou a bebida. (CHALHOUB, 2001, p. 312)

Na capital recém-nascida, outros espaços de lazer e convivência eram praticamente inexistentes. Por isso mesmo, bares, botequins e vendas como o *São José*, na Vila Planalto, transformaram-se em pontos de encontro obrigatório para os operários, desde o período da construção.

A parte mais densa, contundente e detalhada do cotidiano descrito por Marques da Silva é a vida boemia, os momentos de diversão, lazer e tempo livre dos candangos. O álcool, a música, a dança, as casas noturnas e a zona do baixo meretrício marcaram o dia a dia da capital. O diário revela a experiência, a cultura e a identidade de pessoas comuns.

[...] D. Justa chegava com os olhos curiosos. Aqui, na Vila, os candangos apelidaram a polícia de D. Justa; onde ela chega, tudo pára [sic] de uma vez. [...] Já tendo dormido um pouco, acordo com um barulho de pandeiros e tamborins; parece até terreiro de Umbanda. Escuto um silvo, fecha-se um círculo. A 'geladeira' chega, faz-se a fila. Vão dormir nos distritos policiais nada menos de 100 candangos que estavam a anarquizar o domingo. (SILVA, 1963, p.108-109)

“Experiência” e resistência

Mas os candangos não podem ser considerados apenas vítimas do processo de industrialização e modernização do país. Os migrantes que construíram Brasília também foram sujeitos dessa história, criaram e praticaram formas próprias de resistência.

O que o senso comum costuma definir e generalizar como cultura nordestina, por exemplo, estava presente no cotidiano da Vila Planalto, principalmente pela música, literatura de cordel, pelos repentistas, as formas de falar, os sotaques. Os nordestinos eram maioria entre os migrantes e é a eles que José Marques da Silva se refere na maior parte das anotações.¹²

Com precisão, descreve a resistência, em registro do dia 15 de outubro de 1961, o primeiro domingo como dono de bar na Vila Planalto. “E o candango? Jamais, mesmo passando fome e sofrendo privações, perde o bom senso e o humor que o caracterizam e o distinguem, como o sapateiro Baiano, que diz: - 'Ó senhor aí da sanfona, sapeque um baião de Luís Gonzaga, que nós queremos escutar!’” (SILVA, 1963, p. 21)

Cada elemento deste trecho sintetiza a discussão sobre “experiência” e resistência: um sapateiro baiano, portanto migrante, pede para outro homem provavelmente migrante nordestino também, que toque um gênero musical criado por um ícone da música popular do Nordeste (e hoje brasileira). E apesar das privações, da vida difícil que levavam, queriam tocar e ouvir música, se divertir.

Já no dia 6 de novembro, o comerciante transcreve um diálogo presenciado por ele,

¹² O conceito de cultura usado neste artigo aproxima-se da “descrição densa” de Clifford Geertz. Segundo o antropólogo norte-americano, a cultura deve ser encarada “não como uma ciência experimental à procura de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (GEERTZ, 2011, p.4)

que caracteriza de maneira ainda mais detalhada e específica a “experiência” de ser candango.

Chego a um bar vizinho, onde me delicio com os “pingunços” cearenses. São candangos, candangos cearenses. Creio que não se deve confundir candango com candango cearense. Êste [sic] é o verdadeiro, enquanto aquêle [sic] já goza de certa influência na sociedade. O cearense anda maltrapilho, de tamanco, calças de brim coringa e, às vêzes [sic], com um chapéu, quase sempre de couro. Se têm dinheiro, muitos bebem; se não têm, bebem a prazo para pagar na primeira oportunidade. Ouvi um diálogo:

- Antônio, vamo tumá uma?
- Não, meu camarada, ti já tá paricendo pingunço...
- Ora, sêo! Quem bebe, morre; quem não bebe, morre tamém...
- Mas é feio a gente morrê tumado dela...
- Vamo! Duas Ipioca, e uma Pitu, daquela que matou o guarda...
- Então, chuta...
- À saúde, à saúde dos cearenses fudido...

É impossível ver um cearense triste, em Brasília. Passe o que passar, mas o bom humor jamais ele perde. (SILVA, 1963, p. 39)

Neste trecho percebem-se traços de identidade específicos dos cearenses, como a forma de vestir, de falar e uma alegria de viver identificada por José Marques. Além disso, o consumo de álcool (mesmo que inconscientemente) também como forma de resistência à exploração do trabalho, à repressão policial, à segregação urbana, à condição de candango.

Em 18 de novembro de 1961, o migrante goiano identificou outra manifestação tradicional da cultura popular dos nordestinos, e uma nova forma de resistência, traduzida nos versos de um repentista.

Assim que regresso, conheço um trovador que reside em Taguatinga. Fala só em verso, tudo êle [sic] improvisa. Senti vontade de conhecer Pernambuco; lá parece que tudo é trova e poesia. No meu bar generalizou-se uma confusão de Estados. Gente de Goiás, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Bahia, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Maranhão e Paraíba. A todos Severino Francisco enaltece o valor. Fico orgulhoso de representar meu estado nessa tertúlia. Êle [sic] me pergunta de onde sou. Respondo-lhe somente que sou do Estado que é banhado pelo Araguaia e Tocantins. Um verso guardo na memória:

Deixo bem claro o aviso:

Se você tiver juízo
E não tiver profissão,
Fique aí onde está
Paraíba ou Ceará
Pernambuco ou Maranhão,
Lutando feito um leão
Na sua terra natal!
Deixe a coisa melhorar,
Não venha a Brasília, não...

Fico estupefato com o seu dom de improvisar; é um privilégio dos nortistas. Padecem os maiores sofrimentos e ainda têm tempo de rimar sua desgraça. (SILVA, 1963, p. 57)

Os trovadores e repentistas que vivem e se apresentam nas ruas e praças de pequenas e grandes cidades brasileiras tiram dali o sustento da família, numa mistura de arte e resistência. Assim como os versos muitas vezes carregados de crítica social, a própria forma de “ganhar a vida”, com profissão e rimas improvisadas, demonstram resistência e afirmação de identidade.

A “experiência”, a identidade e a resistência dos candangos foram sintetizadas de forma épica por José Marques da Silva, em um domingo, 26 de novembro de 1961.

Vejo como são os candangos. Em todos os lugares por que passei, vi grupos de nortistas. Eles [sic] cantam falando, e falam cantando. É um homem o nortista; ele [sic] nasce com o germe da aventura no sangue, e com o demônio de fatalidade em sua vida. Se trabalha, é cortado do serviço; se é cortado, gasta o dinheiro, bebe com os amigos, e volta para suas plagas. Não tem temor. Sabe enfrentar a vida. Isso é que é ser candango! O homem que não se desemprega, não passa fome, não dorme ao relento, tendo por teto o céu, seu abrigo, não é candango. Homem é o cearense, o piauiense, ou de outro Estado qualquer do Norte ou do Nordeste, que sabe enfrentar o destino. Na desgraça, ele [sic] ri; na doença, despreza a tristeza, ao passo que, em Brasília o funcionário que vive em confortáveis apartamentos, ganhando salário superior aos do resto do Brasil, com suas famosas 'dobradinhas', ajudas de custo etc., não pode ser um candango. Isso não é ser candango, é ser crápula. Ser candango é viver em barracos, é enfrentar a vida com destemor. A vida do candango é um rosário de aventuras que ainda será narrada e escrita pela pena dum escritor. (SILVA, 1963, p. 69)

Toda repressão, exploração da força de trabalho e as condições adversas de sobrevivência não fizeram de sindicatos, associações, partidos políticos e da violência formas

relevantes de resistência dos candangos, como ocorreu em outros momentos da história. Prova disso é que o primeiro sindicato de trabalhadores da construção civil só foi legalizado pelo Ministério do Trabalho em julho de 1959, faltando menos de um ano para o término das obras.

Se antes as disputas sociais eram diretas, brutais e violentas, ao longo do tempo passaram a ser travadas no campo simbólico, das representações, da construção e negação de identidades, como observa Roger Chartier (2002, p. 222-224).

Dessa maneira, o consumo exacerbado do álcool também pode ser entendido como uma forma simbólica de resistir às tentativas de controle social. Apesar da repressão ao comércio e ao consumo (que continuou depois de 21 de abril de 1960), os candangos burlaram de todas as formas, inclusive consumindo durante o horário de trabalho e nos alojamentos das empreiteiras. No boletim de ocorrência do dia 8 de janeiro de 1959, foi registrado um dos muitos casos de prisão por embriaguez em acampamentos de construtoras.

Deu entrada neste Distrito, embriagado – João de Souza e Silva, bras. [sic], natural da Baía [sic], casado, com 26 anos, profissão pedreiro, operário da Ecisa, que se encontrava em estado de embriaguez, provocando distúrbios dentro dos alojamentos do IAPB. [...] Foi recolhido ao xadrez.¹³

Na concepção de Michel de Certeau, essa resistência ocorre com usos, táticas e bricolagens, maneiras diferentes de fazê-la, com criatividade.

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é *representada* por uma arte. Na instituição a servir se insinua assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do “*dom*” (de generosidades como revanche), uma estética de “*golpes*” (de operações de artistas) e uma ética da *tenacidade* (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade). A cultura “popular” seria isto, e não um corpo considerado estranho, estraçalhado a fim de ser exposto, tratado e “citado” por um sistema que

¹³ Boletim de Ocorrência de 08.01.1959, NOV D.1001, ARPDF. O IAPB era o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. Foi criado em 1934 e hoje é o INSS.

reproduz, com os objetos, a situação que impõe aos vivos. (CERTEAU, 2011, p. 83)

Considerações finais

O que os boletins de ocorrência e o *Diário de um Candango* (1963) revelam, convergem no sentido contrário ao que se consagrou como história oficial, segundo a qual a construção de Brasília foi marcada por heroísmo, glória, prestígio, modernidade e audácia de alguns. Esses documentos indicam que a nova capital não pode ser explicada apenas e tão somente pelo nacional-desenvolvimentismo de JK e os projetos arquitetônico e urbanístico de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

Os registros policiais e o diário deixaram rastros e vestígios documentais que ajudam a preencher lacunas e a traçar uma história do cotidiano de Brasília, vista de baixo, sob a perspectiva de trabalhadores e pessoas comuns. Para o historiador italiano Carlo Ginzburg (2007, p. 277), é “potencialmente mais rica a documentação mais improvável.”

Tanto Ginzburg quanto Burke alertam, contudo, sobre os riscos de se trabalhar com registros judiciais, interrogatórios e julgamentos, já que os depoimentos de acusados, suspeitos ou réus contidos ali foram tomados em condições especiais. Ao referir-se especificamente aos processos da Inquisição, Ginzburg (2007, p. 287) afirma que “esses documentos não são neutros; a informação que nos fornecem não é nada ‘objetiva’”, e por isso devem ser lidos e decifrados com muito cuidado.

Já para o historiador britânico, a dificuldade é que muitas vezes há uma tentativa de reconstrução de “suposições cotidianas, comuns, tendo como base os registros do que foram acontecimentos extraordinários nas vidas do acusado” (BURKE, 1992, p.25). Por isso mesmo, ele defende que esse tipo de fonte seja lida nas entrelinhas.

Mas no caso específico dos boletins de ocorrência analisados, eles não representam o extraordinário na vida dos candangos. O cotidiano durante a construção e no início de Brasília era restrito ao trabalho e a poucas horas de lazer semanal nos bares e na zona do baixo meretrício, ZBM, como eles mesmos chamavam. O consumo de bebidas alcoólicas era

tão comum quanto o trabalho, mas não está registrado em outros documentos oficiais. Trabalhar e se embriagar não era a exceção, mas a regra.

Outro desafio quando se trabalha com o cotidiano e a história de pessoas comuns é “relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos, como a Reforma ou a Revolução Francesa, ou a tendências de longo prazo, como a ocidentalização ou a ascensão do capitalismo”. (BURKE, 1992, p. 24)

Nesta pesquisa, o cotidiano dos candangos relaciona-se com fatos e processos decisivos da história brasileira e mundial: a transferência da capital da República para o interior do país – já aventada desde o século XVIII; a modernização, urbanização e a expansão do capitalismo em um país do então chamado terceiro mundo; a interiorização e a expansão para o oeste; o estabelecimento de um novo modelo de desenvolvimento no Brasil; a intensificação do processo de migração da mão-de-obra do campo para as cidades.

Consegue-se identificar também tendências de longo prazo no controle social dos trabalhadores, como a repressão aos momentos de lazer e especialmente ao consumo de álcool, que remontam à Revolução Industrial, como nos contou magistralmente E. P. Thompson.

José Marques da Silva (1963, p.149) avalia que “Brasília para nós [eles, candangos] foi uma ilusão”. Mas o diário e os registros policiais impedem que haja um “apagamento”, esquecimento, negação ou omissão da memória sobre o cotidiano dos operários que ergueram a cidade, como pretende a versão oficial.

Artigo recebido em 28 mai. 2019.

Aprovado para publicação em 08 jul. 2019.

Bibliografia

Livros

BOJUNGA, Cláudio. *JK, o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BURKE, Peter (org). *A Escrita da História – Novas Perspectivas*; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 84-86.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*, 17 ed.; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (orgs.). *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Difusão Editorial, 2002.

CRULS, Luiz. *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central: Relatório Cruls*: edição especial do Centenário da Missão Cruls – 1892-1992. Brasília: Codeplan, 1992, 396 p.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*; tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Edição, 1993.

KUBITSCHKE, Juscelino. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1975. 370 páginas.

NIEMEYER, Oscar. *Minha Experiência em Brasília*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Revan, 2006.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O Capital da Esperança. A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. 275 p.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, p. 98.

SENRA, Nelson (org). *Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

SILVA, José Marques da. *Diário de um Candango*. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, julho 1963.

TEIXEIRA, Hermes Aquino. *No Tempo da GEB (1956 – 1960) – Trabalho e Violência na Construção de Brasília*. Brasília: Thesaurus, 1996, 72 p.

THOMPSON, Edward. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. v.1 A árvore da liberdade*. Tradução Denise Bottman. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. v.2 A maldição de Adão*. Tradução Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. v.3 A força dos trabalhadores*. Tradução Denise Bottman. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Dissertações

GUSMÃO, R. L. *História do Cotidiano de Brasília: A Vida na Nova Capital pelos Boletins de Ocorrência e um Diário*. Porto Alegre, 2011. Monografia (Especialização em História Contemporânea) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 2011.

Documentos

Boletins de Ocorrência do Departamento Regional de Polícia de Brasília, registrados entre 1959 e 1961 – Caixas Nº 0775 e Nº 761, NOV D 1001 – NOVACAP/ARPDF.